

**“RAINHA IMPLICANTE, EM QUE TUDO ASSENTA BEM”:  
REPRESENTAÇÕES DE CLEÓPATRA NA PEÇA “ANTÔNIO E  
CLEÓPATRA”, DE WILLIAM SHAKESPEARE, DE 1607**

Bruna Rafaela de Lima  
Graduanda em História pela UFCG  
lrb.bruna@gmail.com

Quando pensamos a respeito do Egito Antigo, somos levados geralmente a pensar nos grandes monumentos de pedra que resistiram aos séculos, nas inscrições em linguagem hieroglífica depositadas nos papiros, em paredes de templos e túmulos, uma escrita que por si mesmas já nos parecem obras de arte, nos diversos deuses e nas cosmogonias a eles relacionada, bem como nos ritos funerários que pretendiam vencer as barreiras da morte. Contudo, há muitos outros aspectos dessa milenar civilização que nos causa curiosidade e que podem ser estudados de modo a nos ajudar a perceber em que se aproximam de nós enquanto sociedade tanto em que se distanciam. Um desses temas é a questão dos papéis atribuídos às mulheres e que trabalharemos neste artigo.

No que se refere a religião, os egípcios cultuavam diferentes divindades cujas características físicas poderiam ser tanto antropomórficas quanto zoomórficas ou mesmo híbridas. No panteão de deuses estavam figuras associadas tanto ao masculino quanto ao feminino e cada uma exercia papéis distintos, embora igualmente importantes para o equilíbrio da vida. É por causa dessa “divisão” de responsabilidades que muitos consideravam que a vida em sociedade refletia essa harmonia divina. Sendo assim, homens e mulheres ocupavam diferentes cargos e socialmente possuíam funções distintas, porém não havendo uma superioridade para um ou para outro gênero, de modo que as mulheres gozavam de direitos e deveres que as deixavam em posições de relativa igualdade com os homens. Dentre as sociedades antigas, o Egito recebe considerável destaque na emancipação que as egípcias possuíam, uma vez que não era habitual para a época que as mulheres tivessem tamanha autonomia, sendo constantemente consideradas,

entre outros povos, inferiores e tendo a necessidade de ser tuteladas pelos homens, sejam pais, maridos, irmãos ou mesmo filhos. (NOBLECOURT, 1994)

Ao longo dos séculos em que se estabeleceu como uma grandiosa potência no mundo antigo, esta visão a respeito das mulheres se manteve estabilizada. Ao avançar nossa investigação para o período final do império egípcio, quando Roma já ganhava grande destaque e conquistava cada vez mais territórios, o Egito resistia estabelecendo relações diplomáticas com os romanos. Desde a dominação de Alexandre Magno em 331 a.e.c., quando o Egito torna-se parte do território grego, e posteriormente com a morte de Alexandre e a subsequente divisão do império, ocasião em que o Egito passa a ser comandado pelo general grego Ptolomeu, inicia-se uma nova dinastia no trono.

Cleópatra VII, que viveu entre 59 a.e.c. e 30 a.e.c., era a soberana do período ao qual decidimos nos dedicar para analisar. Sendo a última rainha da dinastia ptolomaica, bem como a última a governar o Egito antes que esse passasse ao domínio de Roma, Cleópatra foi um nome controverso no que se refere a sua forma de governar. Alguns autores atribuem a ela grande inteligência, tendo sido uma líder astuta que utilizou de diversas estratégias políticas para se manter no poder e retardar o domínio romano sobre o Egito. Outros, no entanto, a consideram como uma mulher que foi movida por suas paixões, primeiramente pelo general Júlio César e depois pelo general Marco Antônio, ambos triúmviros romanos de grande importância. Nesta segunda hipótese, ela teria usado suas artimanhas de sedução para subordinar estes homens aos seus mais variados caprichos. (SILVA, 2014)

Desde a antiguidade, o Egito é objeto de produções a respeito de sua contrastante cultura. Para o olhar ocidental, o exótico e pitoresco Egito evoca elementos que diferem do modo de se relacionar com os outros, suas explicações sobre a vida e sua forma de ver o mundo, que ora convidaram a retratar os fatos ocorridos neste lugar, ora permitiram a livre criação ficcional a partir dos elementos únicos oferecidos como base para protagonizar diversas histórias. Um dos autores que dedicaram sua escrita a representar o Egito e seus personagens foi William Shakespeare, importante dramaturgo inglês do século XVII. Algumas de suas peças tiveram como plano de fundo acontecimentos

históricos como é o caso de *Ricardo II* (1595) e *Henrique IV* (1597). *Antônio e Cleópatra*, de 1607, é uma dessas que receberam o título de tragédia histórica e que nos servirá de fonte de pesquisa para nossa investigação.

Na peça de 1607, Shakespeare trata do romance entre a rainha egípcia Cleópatra e o triúviro romano Marco Antônio, enquanto se dão diversas tramas políticas envolvendo estes e outros importantes personagens como Otávio César, que se tornaria posteriormente o primeiro imperador de Roma. A peça é marcada por diferentes falas masculinas que, na maioria das vezes, veem em Cleópatra uma feiticeira, que usou de seu poder de sedução para subjugar Antônio à sua vontade, o que teria feito com que o general tomasse uma série de atitudes imprudentes que desagradaram o governo romano e acabaram por causar sua própria morte. Essas personagens acabam por demonstrar que visões os romanos tinham sobre as mulheres e mais particularmente, sobre uma mulher que exercia um papel político de grande destaque naquele período.

Importa para nós, portanto, problematizar os lugares que são atribuídos a Cleópatra VII, enquanto mulher, rainha e estrategista, tanto pelo autor na obra, quanto pelos personagens históricos que são referenciados na peça, tendo em vista que egípcios e romanos compreendiam o papel das mulheres de formas distintas. Bem como Shakespeare, no início do século XVII, na sua escrita também traz traços de como era compreendido o lugar das mulheres em sua própria época.

Compreendemos que o papel feminino vem se modificando ao longo do tempo e que assume diferentes formas dependendo do local e do momento em questão. Durante muito tempo, a história das mulheres foi deixada em segundo plano, como uma parte menos importante dos acontecimentos que tinham por personagens centrais os homens. (PERROT, 2011) Com as questões de gênero suscitadas pelos movimentos feministas da década de 1970, a produção de mulheres sobre mulheres começa a ganhar mais espaço. Este campo de pesquisa é relativamente recente e tem se debruçado principalmente sobre a atuação das mulheres de períodos mais recentes. Porém, direcionar o olhar para um passado mais distante poderá contribuir para ampliar a discussão sobre a utilização de

gênero como uma categoria de análise histórica que compreende não só os últimos séculos, mas perpassa toda a história.

Para melhor compreender o lugar que William Shakespeare lega a Cleópatra, utilizaremos o conceito de *representação*, tal qual entendido por Roger Chartier (1991, p. 184) pois: “A representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa”. Dessa forma, buscaremos analisar nas fontes o que é dito e também o que não é dito sobre esta personagem histórica, compreendendo assim como ela foi representada.

Apoiados por Pierre Bourdieu, faremos uso também do conceito de *violência simbólica*, demonstrado a partir da dominação masculina, sendo pois uma construção cultural tanto do lugar do feminino quanto do masculino nas sociedades. Uma vez que

(...) a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes em ordem simbólica. (...) (BOURDIEU, 2002, p. 45)

Tentaremos perceber como as falas do autor e também dos personagens masculinos cometem essa violência contra Cleópatra. E como a mesma em suas falas e atitudes, legitima essa dominação ou resiste a ela.

William Shakespeare nasceu em 1564 e morreu aos 52 anos, em 1616 na Inglaterra. É considerado hoje um dos maiores escritores de todos os tempos e o mais conceituado autor britânico. Foi autor de 38 peças entre comédias, romances e tragédias e, por sua produção, é um notável nome do teatro. Várias de suas peças foram encenadas em diversas partes do mundo e receberam adaptações literárias e para o cinema. Entre elas estão *Romeu e Julieta*, *Otelo*, *o mouro de Veneza*, *Hamlet* e *A megera domada*.

Shakespeare viveu durante o reinado de Elisabeth I, um momento de emergência intelectual, onde se prezava pelo conhecimento dos autores clássicos, do latim, da retórica e da política. Assim como muitos outros, os pais de Shakespeare, John e Mary, queriam que o filho se inteirasse nessas variadas formas de expressão. Não era, no entanto, um direito universal que garantia a todos a mesma educação formal. Depreendemos então que, além da condição de ser do sexo masculino, visto que pouquíssimas mulheres recebiam dessa instrução, a família Shakespeare usufruía de mínimos recursos para custear os estudos do jovem William que, embora não fosse estipulado um valor para ser pago pelo ensino, a escola exigia da família a manutenção dos materiais que seriam utilizados, como penas, velas e papel. (GREENBLATT, 2011, p.22)

Shakespeare aprendeu latim memorizando e encenando peças clássicas, bem como outros autores antigos, o que certamente influenciou sua escrita e os temas que abordou em suas obras nos anos posteriores. Trata de temas da antiguidade em diversas peças como *Tito Andrônico* (1584-1590 aproximadamente), *Júlio César* (1599), *Antônio e Cleópatra* (1607), *Coriolano* (1608), *Troilo e Crésida* (1623), entre outras.

*Antônio e Cleópatra*, cujo título original é *The tragedy of Anthony and Cleopatra*, foi publicada em 1607, período de maturidade da produção de William Shakespeare. Certamente dentre os textos da cultura clássica que influenciaram a formação intelectual dele encontram-se as obras de Plutarco. Autor de diversos textos, incluindo uma série de biografias de heróis e personagens históricos tanto gregos quanto romanos, Plutarco é autor das *Vidas Paralelas*, escrita no século 1, reunindo assim informações detalhadas a respeito de vários estadistas, incluindo um tomo sobre Marco Antônio. É provavelmente uma das mais antigas obras a respeito da vida do general romano e, por conseguinte, de sua companheira egípcia, Cleópatra. Não queremos nos deter tanto no que Plutarco diz a respeito da rainha, apenas mencionamos o que pode ter sido a principal fonte histórica utilizada para embasar a peça escrita no século XVII, pois nosso foco é perceber como esta é representada por Shakespeare.

A peça é dividida em cinco atos, que se passam em diferentes partes de Roma e do Egito (em particular, Alexandria, onde estava situado o palácio de Cleópatra), em cenas mais diplomáticas e também em campos de batalhas.

A trama se desenvolve quando a relação entre Antônio e Cleópatra, já bem estabelecida e conhecida de todos, é interrompida pelo retorno de Antônio a Roma, uma vez que sua esposa Fúlvia adoece e morre e Otávio César, também triúviro, recomenda sua volta. No entanto, o interesse pelo retorno do general tinha um cunho muito mais político do que familiar visto que, uma vez envolvido em seu romance com a rainha, Antônio deixa de responder aos interesses romanos como se esperava dele para auxiliar o Egito e atender às expectativas de Cleópatra. (SILVA, 2014, p. 135).

No decorrer da peça, Cleópatra figura como protagonista ao lado de Antônio, embora este pareça receber maior destaque por seu gênero. Àquela, no entanto, são vinculados diferentes termos para determinar o seu papel na história. Logo na primeira cena, nos deparamos com uma fala de Antônio: “Que rainha impicante, em que tudo assenta bem: repreender, rir, chorar, e em que se esforçam as paixões porque em ti se tornem belas e admiradas.” (SHAKESPEARE, 2013, p. 6) Ora sendo elogiada, ora sendo rebaixada, a rainha é mencionada pelos diversos personagens masculinos como sendo responsável pelos infortúnios de seu amante.

As diferentes formas de referenciar a soberana egípcia demonstram como o masculino dá lugar às mulheres naquele momento, demonstrando por um lado a fragilidade destas que precisam estar sob uma proteção dos homens, ou por outro lado, uma astúcia que é empregada para seduzir e encantar a fim de se obter o que lhe for necessário. Embora ocupe um papel particular de rainha e não possamos generalizar quando falamos que Cleópatra represente a mulher daquele período, por vezes as frases na peça se referem às mulheres de um modo mais abrangente, como na cena X do Ato III, quando César manda Tireu negociar com Cleópatra, traindo assim Antônio lemos:

Chegou o momento de experimentares tua eloquência. Põe bem depressa nisso. De Cleópatra separa Marco Antônio. Concede em nosso nome tudo quanto te pedir, e oferece o que julgares

conveniente inventar. Nos dias prósperos as mulheres não são bastante fortes, mas a necessidade leva à quebra dos votos a vestal nunca tocada. Tireu, revela tua habilidade e faze o edito para o teu trabalho, que, como lei, por tudo respondemos. (SHAKESPEARE, 2013, p. 79)

Neste excerto observamos que características são atribuídas não só à rainha, mas também às demais mulheres: fragilidade, suscetibilidade ao rompimento de promessas. Ao considerar que a vulnerabilidade da soberana no tocante à sua vida amorosa influenciava diretamente nas suas decisões, à Roma interessava romper a união entre a egípcia e o romano enquanto aquela colocasse acima dos interesses do Estado o seu próprio bem estar e seu relacionamento.

A própria Cleópatra oscila entre momentos em que se refere a si mesma como sendo suscetível ao sentimento que nutre pelo general, como quando se despede de Antônio ao saber da morte de Fúlvia

Trabalho cansativo é trazer sempre junto do coração um tal capricho, como Cleópatra faz. Mas desculpai-me, senhor, porque me causa a morte tudo que em mim vai bem, mas não vos causa agrado. A honra vos chama; assim, continuai mudo para minha tolice irremediável. (SHAKESPEARE, 2013, p. 19)

Por outro lado, ao ser questionada do porquê estaria no acampamento de Antônio e que isto o atrapalharia em batalha, fato descrito na cena VI do Ato III, ela demonstra força e autonomia ao declarar: “Desapareça Roma e que apodreçam todas as línguas que de nós falarem. Tenho função nesta campanha, e como cabeça de meu reino hei de mostrar-me soldado de valor. Não me retruques; não ficarei atrás.” (SHAKESPEARE, 2013, p. 70) Neste fragmento, ela se coloca como peça fundamental para seu próprio povo e, diante da interferência romana, ela não iria se omitir, defendendo assim os interesses do Egito e resistindo às investidas de Otávio.

No decorrer de toda a peça, as ações de Cleópatra são vinculadas aos sentimentos que ela nutre por Antônio. Seja a paixão que permeia todo o texto, ou mesmo tristeza e raiva, que se apresentam de acordo com as respostas dela às atitudes do general. Compara-se inclusive a relação anterior que Cleópatra desenvolveu com o também general romano

Júlio Cesar, embora a mesma assuma que Antônio não deva ser comparado a César, por ser superior a este. (SHAKESPEARE, 2013, p.25)

Uma vez de volta à Roma, fazendo uma aliança tanto pessoal quanto política, Otávio arquiteta o casamento de sua irmã, Otávia, com Marco Antônio. Um mensageiro traz a notícia até Cleópatra que, ao saber que se trata de novidades a respeito de Antônio, oferece ouro a ele. No entanto, ao ouvir com mais detalhes, a rainha amaldiçoa o homem bate nele e o ameaça (SHAKESPEARE, 2013, p. 42). Neste ato percebemos como as ações dela são levadas ao extremo de acordo com o desenrolar da história.

Por ocasião da morte de Otávio, Cleópatra se apresenta como profundamente devastada. Apresenta-se a Otávio para saber o que ele deseja fazer com o Egito e por conseguinte, com ela, agora que dominaria tudo. César a tranquiliza de que pode conservar tudo como sempre esteve e que não seria uma ameaça para sua posição como rainha. No entanto, Shakespeare atribui o destino dela ao vínculo que teve com Antônio, não suportando a sua morte, trama seu suicídio. Mais uma vez, para além dos interesses do estado egípcio e de qual seria a melhor conduta diante da situação, Cleópatra age tomada pela emoção.

Dá-me o manto; coloca-me a coroa. Anseios imortais em mim se agitam. Nunca jamais há de molhar-me os lábios o líquido de nossa vinha egípcia. Vamos, Iras; depressa! Só parece que ouço Antônio chamar-me; levantar-se vejo-o e elogiar meu ato valoroso. Ouço como ele zomba da ventura de César, que aos mortais os deuses cedem para depois justificar sua cólera. Caro esposo, eis-me aqui! Minha coragem irá provar que faço jus ao título. Sou ar e fogo; os outros elementos cedo à vida inferior. Já concluíste? Então vem e recebe de meus lábios o calor derradeiro. Adeus, querida Charmian; Iras querida, um longo adeus. (Beija-as; Iras cai e morre.) Tenho, acaso, nos lábios a serpente? Como! Caíste! Se te separaste da natureza assim tão gentilmente, é que o golpe da morte é como aperto de namorado, que machuca um pouco mas sempre é desejado. Estás tranqüila? Se assim te foste, é porque ao mundo contas que digno ele não é de despedida. (SHAKESPEARE, 2013, p. 127)

Shakespeare retrata Cleópatra tão apaixonada nos momentos finais de sua vida quanto no início da peça, quando o casal parece viver o auge da prosperidade. Por fim, ao

encontrá-la, Otávio reconhece nela coragem e a grandeza dela e de Antônio enquanto um casal ímpar, concedendo até que sejam sepultados juntos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imbuído das preocupações de seu próprio tempo e influenciado pelos clássicos que escreveram sobre essa momento da história egípcia/romana, Shakespeare constrói na peça as falas dos personagens masculinos sobre Cleópatra e também falas dela sobre si mesma. Retratada como uma mulher de personalidade marcante, cujas vontades se expressam de forma nítida no decorrer de toda a obra, Cleópatra é percebida como uma mulher múltipla, embora na maioria das vezes isso parece soar como uma ameaça aos interesses dos romanos (representados pelos homens de estado) e não uma característica que contribuiu para legitimar a posição que ocupou.

Ao trabalhar com a literatura como fonte do conhecimento histórico, devemos considerar alguns pontos importantes. Como afirma CHARTIER (2009), é preciso ser crítico às fontes com os métodos empregados pelos literatos, uma vez que estes utilizam de recursos de escrita que aproximam a ficção da história para dar maior credibilidade às suas obras. Como dramaturgo, Shakespeare não tinha como intenção transmitir a verdade dos fatos tal qual aconteceram, nem mesmo ser fiel aos textos históricos que podem ter servido de base aos seus enredos. Percebemos o grande teor poético em todas as falas, um certo exagero nas emoções, para transmitir ao público o trágico destino das personagens em questão. O dualismo que define o masculino como o forte, centrado, racional, inteligente e o feminino como sensível, frágil, dependente, volátil é percebido no decorrer de toda a história.

Ao considerar o período em que Shakespeare estava inserido, também podemos pensar se sua escrita a respeito de Cleópatra não retrata em parte a visão que se tinha sobre a rainha Elisabeth I, que governou a Inglaterra até pouco tempo antes da publicação de *Antônio e Cleópatra*. O lugar da mulher na sociedade inglesa moderna, apesar de diferente do contexto romano e egípcio retratado, não garantia ainda tantas prerrogativas. E ainda que ocupando um lugar de destaque na sociedade, ou mesmo o lugar de maior

destaque na sociedade, a figura real ainda recebia um peso diferente ao ser comparada com um homem ocupando a mesma posição. Refletimos assim como a escrita de William Shakespeare pode ter refletido muito mais do período em que viveu do que necessariamente do que tentou retratar, dando características de romance ao mesmo tempo que justificava as divergências de comportamento da figura da rainha com o seu grande apego ao seu amado.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKOS, Margareth Marchiori. *Fatos e mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANFORA, Luciano. *A biblioteca desaparecida. Histórias da Biblioteca de Alexandria*. Companhia das Letras, 1989.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. *Estudos Avançados*, 5(11), 173-191. 1991. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010> Acesso em 10.10. 2018.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand.1994.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad.: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes, São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo. *Cultura popular na idade clássica*. São Paulo: Contexto, 1989.

FUNARI, Pedro Paulo. *Roma, vida pública e vida privada*. São Paulo: Atual, 1994.

GREENBLATT, Stephen. *Como Shakespeare se tornou Shakespeare*. Tradução: Donaldson M. Garschagen, Renata Guerra. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Trad.: Jacyntho Luis Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

NOBLECOURT. Christiane Desroches. *A mulher no tempo dos faraós*. Papirus, 1994.

PEDRO Joana Maria. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. História, São Paulo, V.24, N.1, p.77-98, 2005

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011.

PLUTARCH. *The parallel lives*. Vol IX – Anthony. Disponível em <  
[http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/Antony\\*.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/Antony*.html) >  
Acesso em 12/10/2018.

SAID, Edward W. *Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente*. Companhia das Letras, 2007.

SHAKESPEARE, William. *Antônio e Cleópatra*. Jahr, 2013.

SILVA, Camilla Ferreira Paulino. *A construção da imagem de Otávio, Cleópatra e Marco Antônio entre moedas e poemas (44 a 27 a.c.)* Dissertação. Dissertação em História. UFES - Vitória, 2014.